



Diários Messiânicos: experiências, fracassos, reflexões.

Messianic Diaries: experiences, failures,
reflections.

*Bruno Cesar Eufrazio de Mello, curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Feevale,
brunocesaremello@gmail.com.*

RESUMO

Este artigo apresenta a experiência do Projeto de Extensão Reabilitação do Galpão Messias da Reciclagem que promoveu o contato entre um grupo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FA-UFRGS) e trabalhadores de uma associação de triagem de resíduos sólidos de Porto Alegre. E, para além de um registro íntimo, reflete, a partir da experiência, sobre o cotidiano universitário e os desafios de se fazer extensão universitária.

Palavras Chave: Extensão Universitária, Reciclagem, Universidade, Porto Alegre.

ABSTRACT

This article presents the experience of the Rehabilitation of the Galpão Messias of Recycling extension project that promoted contact between a team from the Architecture and Urbanism course from Federal University of Rio Grande do Sul (FA-UFRGS) and an association of solid waste sorting from Porto Alegre. From the experience of the extension project, this article reflects about the everyday university life and the challenges of developing university extension projects.

Keywords: University Extension, Recycling, University, Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é compartilhar a experiência do projeto de extensão Reabilitação do Galpão Messias da Reciclagem, realizada junto a trabalhadores da triagem de resíduos sólidos de Porto Alegre, entre os anos de 2005 a 2007. E a partir dela, refletir sobre a extensão e a universidade.

Inicialmente, é preciso reconhecer que, no cotidiano universitário, a extensão continua sendo atividade secundária, pouco célebre, entendida como dispensável. O prestígio repousa na pesquisa e no ensino. Por esse motivo, refletir criticamente sobre seu significado é algo desafiador e importante. E não há nada melhor do que fazê-lo a partir de uma vivência concreta.

Adiante, serão revelados: o contexto do projeto de extensão; breve caracterização do galpão Messias da Reciclagem e das unidades de triagem de Porto Alegre; o contato com a associação e recicladores; parte das anotações dos diários de campo; os fracassos e reflexões surgidas a partir da experiência.

A AÇÃO DE EXTENSÃO E OS GALPÕES DE TRIAGEM

Todo começo traz dúvidas e inseguranças. E o início do projeto de extensão e, mais particularmente, do contato com os trabalhadores da triagem de resíduos sólidos do Galpão Messias da Reciclagem, não fugiu à regra. Uma das inquietações que a novidade logo trouxe foi perceber que o “saber” trazido conosco da Faculdade de Arquitetura da UFRGS não era suficiente para a ação de extensão. Mesmo com uma proposta de qualificação “arquitetônica” do galpão, as ferramentas que trazíamos não bastavam. Foi necessário buscá-las noutra lugar.

Por essa razão, paralelamente ao engajamento na ação de extensão, matriculei-me em disciplinas do curso de Ciências Sociais da UFRGS. Numa delas, foi exigido a elaboração de um “diário de campo”. Vi aí a oportunidade de registrar a singularidade desse ambiente. Por fim, tomei gosto pelo trabalho e passei a levar bloco e lápis a todos os momentos relacionados ao projeto. Após a disciplina, não parei mais as anotações. E só as finalizei com o fim do projeto de extensão.

O texto dos “diários messiânicos” foi elaborado, assim, como exercício de “diário de campo”. Por fim, tomou forma híbrida, misto de relato “não oficial” da ação de extensão e diário íntimo. Descreve acontecimentos ordinários, aqueles sem aparente importância. Mergulha no universo das relações afetivas e nos dramas cotidianos. Talvez por essa falta de ambição, quando reunidos, os relatos acabam impondo as mais sérias interrogações sobre a extensão universitária.

O lócus da ação/descrição foi um dos tantos galpões de triagem de resíduos sólidos de Porto Alegre. Os atores que ali interagiram foram trabalhadores da triagem, universitários – professores e estudantes –, mas também representantes de ONGs, agentes políticos, representantes do poder público.

O objetivo do projeto de extensão era realizar melhorias nos espaços de trabalho e convivência da associação Messias da Reciclagem. Articulado à pesquisa (que tratava de normativas e proposições arquitetônicas para unidades de triagem de resíduos sólidos), o projeto testaria soluções elaboradas a partir do estudo. Com a almejada qualificação arquitetônica, seria possível –

imaginávamos – aumentar a produtividade e até proporcionar qualificação profissional para além do trabalho com a triagem.

O programa de necessidades, base das propostas de melhoria, foi construído a partir do diálogo entre nós, da Faculdade de Arquitetura, e eles, os trabalhadores do galpão. Dessa interação, foi desenvolvida uma proposta que contava com: i) melhorias nos banheiros e na cozinha; ii) instalação de uma oficina de fabricação de papel reciclado; iii) adequação de salas de aula para futuros projetos de ensino em geral – desde alfabetização até informática; iv) transferência de local de trabalho e alteração da dinâmica produtiva.

Apesar de estar presente, a perspectiva produtivista nunca foi exclusiva no projeto. A arte e a beleza foram incorporadas através de ações diversas. Mosaicos, jardinagem e paisagismo foram realizações de destaque. Para que tudo fosse possível, o grupo montado foi multidisciplinar: contou com estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Elétrica, Agronomia e Artes. Essa pluralidade de perspectivas enriqueceu sobremaneira as realizações do projeto e, conseqüentemente, o aprendizado de todos nós.

Passemos, porém, à apresentação do galpão e da associação onde a ação foi realizada. Sua dinâmica de trabalho e de organização deve ser inserida no contexto das demais associações e galpões de Porto Alegre.

A maior parte das associações de triagem (ou reciclagem) da cidade está abrigada em construções ou espaços improvisados, meros abrigos para a triagem. Tanto as melhores construções – os galpões – quanto as piores – simples telheiros – são, em essência, grandes espaços cobertos onde se dá o armazenamento e separação do material reciclável, bem como as demais funções necessárias ao cotidiano dos trabalhadores. A precariedade na conservação dos edifícios e a inadequada organização interna se sobressaem a qualquer pequena virtude.

O galpão de triagem objeto do projeto, como outros da Capital, foi construído em estrutura independente de concreto armado e alvenarias de tijolos aparentes. Essa construção, que contava com espaços de trabalho e reunião, era precedida por um amplo pátio nu, usado para acesso de pedestres e veículos. Havia espaço suficiente à circulação dos caminhões que descarregavam material à espera de triagem e buscavam os fardos prensados para compra. Nesse pátio, havia ainda um banheiro e espaços para catadores independentes, ou seja, não vinculados à associação.

A edificação principal, coberta por telhado de duas águas, tinha pé direito duplo em dois terços de sua área interna. No outro terço, havia dois pavimentos construídos, uma espécie de mezanino. Em seu andar inferior, cozinha e refeitório. No superior, pequenas salas de reuniões e depósitos. Atrás deste bloco principal, havia uma edícula – composta por uma sequência de cômodos e dois banheiros dispostos em fila, lado a lado. Ela era acompanhada por um pátio triangular pouco vegetado. As salas e banheiros desse “puxadinho” se abriam para um alpendre que as unificava e as comunicava com o bloco principal.

Não havia, no galpão, espaço adequado para deposição do material que chega das ruas. Isso gerava uma enorme dificuldade para o trabalho, pois a sequência da cadeia produtiva não era linear. O material vindo das ruas era depositado no chão em um dos cantos do galpão. Quando havia muito material, se formava uma montanha de lixo. As mesas de trabalho ficavam todas próximas a ela. Os trabalhadores colhiam e manipulavam o material que estava por cima dessa montanha. Nem bem chegava à metade, outro caminhão depositava mais material sobre o que ainda não fora triado, e assim sucessivamente. Quando os trabalhadores conseguiam chegar ao

final da montanha, o material do fundo já estava tão deteriorado que não servia mais para a venda.

Nas mesas de triagem, as sacolas coletadas nesta deposição improvisada eram abertas, e seu conteúdo selecionado. Não chegava somente material reciclável à associação. Os trabalhadores eram surpreendidos constantemente com lixo orgânico, animais mortos e até lixo hospitalar. As mesas onde o trabalho de separação se iniciava eram coletivas, para quatro ou cinco pessoas que a orbitavam. Não havia espaço para esteira que ditasse o ritmo do trabalho.

Das mesas, o material ia para as bombonas, grandes tonéis de plástico ou ferro, que tinham a função de acumular os materiais por tipo – plástico, papel, ferro, etc. Essas bombonas, quando cheias, tinham seu conteúdo depositado em sacolas gigantes, os bags. Dali, alguns tipos de material – plástico, papel, garrafas pet – eram prensados em fardos que ficavam à espera de compra. Outros – vidro, latas – eram depositados em baias do lado de fora.

Havia galpões de Porto Alegre com dinâmica diferente e mais lógica que a apresentada. Neles, próximo ao acesso do caminhão que traz o material coletado das ruas, estava a gaiola de armazenamento. Ela variava de volume nas diferentes associações, conforme a disponibilidade de espaço ou o volume de chegada. Essa gaiola, em geral, tinha duas aberturas: uma por cima, para despejo do material que vem das ruas, e outra embaixo, por onde o material é retirado e posto nas mesas para ser separado. Assim, havia constante renovação do material.

Semanalmente, o produto do trabalho era vendido. Os atravessadores compravam o material das associações de recicladores e vendiam à indústria. Com o dinheiro da venda em mãos, os trabalhadores partilhavam a renda obtida. Esse instante era, ao mesmo tempo, alegre e tenso. Todos se reuniam e, concentrados, calculavam as horas e os valores dos salários.

Quem administrava esse processo era a coordenação do galpão. Ela era composta pelos próprios trabalhadores. A escolha dessas lideranças era confusa e influenciada por muitos agentes e interesses. O tipo de associativismo cooperativo e autogerido que ocorria na associação tinha forte orientação ideológica de esquerda.

Sinteticamente, os aspectos físicos do galpão e a forma de organização da associação eram esses. Os dados até aqui apresentados, conquanto sumários, são suficientes para uma noção preliminar sobre o local onde a ação de extensão universitária foi realizada. Os diários trarão mais informações. Por razões éticas óbvias, foram preservadas as identidades dos personagens e das instituições. Ocultamos também algumas situações para torná-los irreconhecíveis.

EXPERIÊNCIAS: OS DIÁRIOS MESSIÂNICOS

Conheci o projeto quando duas colegas procuravam um interessado em participar da ação de extensão junto aos galpões de triagem de resíduos sólidos de Porto Alegre. Aceitei o convite sem exatamente do que se tratava e de quem era o coordenador. Após algumas conversas com Francisco, coordenador e idealizador do projeto, e alguma leitura dos textos de sua pesquisa, passei a visitar galpões de associações da Capital gaúcha. As primeiras serviram para relacionar as reflexões lidas à realidade. Sua proposta era testar soluções elaboradas na pesquisa, articulando os projetos. Paulatinamente, a ação de extensão foi tomando conta de nossas preocupações e, por fim, tornou-se hegemônica.

Não me recordo exatamente quando conheci o galpão de triagem da associação de recicladores Messias da Reciclagem (os trabalhadores não se autodenominam triadores, tarefa que de fato

realizam). Nele, passamos a realizar o trabalho de extensão. Numa das primeiras visitas ao local, o professor me apresentou Gabriel, caboclo alto, sujeito cordial, brincalhão e sempre simpático com todos os estudantes. Esse encontro tornou possível a parceria entre a universidade e a associação. De início, não entendi seu papel no galpão: não sabia se ele era triador ou qualquer outra coisa. Pela timidez natural do princípio do contato, não fiz muitas perguntas.

Apesar da insegurança inicial, estávamos todos muito empolgados com o universo novo e repleto de nuances desconhecidas. A cada dia, uma pessoa, uma história ou um acontecimento. Toda ida ao galpão de triagem era aguardada com vivo entusiasmo.

Antes do início das tarefas no galpão, foram estabelecidas metas. A primeira empreitada foi a melhoria da cozinha. Dentre os muitos problemas que ela possuía – por exemplo, sua proximidade com o espaço de acúmulo do lixo à espera de triagem – a má conservação dos revestimentos do piso, da parede e da instalação elétrica foram as que resolvemos enfrentar. Iniciamos o trabalho colocando peças cerâmicas nas paredes junto à pia e ao fogão. Sem orçamento para o material de construção, saímos à procura de azulejos nas caçambas de lixo com restos de reformas. Passamos a percorrer as ruas com atenção redobrada.

O trabalho no banheiro deu uma ideia ao professor. Finalizada a melhoria na cozinha, partiríamos para a segunda etapa, a qualificação dos banheiros que estão fora da edificação principal. Neles, faríamos mosaicos. Mesclaríamos, assim, finalidade objetiva e atitude estética. Por esse motivo, levei ao pessoal do galpão um tampo de madeira redondo revestido com mosaico que eu havia feito anos atrás. Queria mostrar o tipo de trabalho que pretendíamos realizar nos banheiros, além de fazer um agrado. Como uma bandeja, a peça foi usada na cozinha para apoiar os copos virados de boca para baixo.

Dona Glória fazia o almoço para os trabalhadores do galpão. Quando apareci com a bandeja com mosaico, ela ficou encantada. Não parava de elogiá-la. Dias depois, perguntou-me se eu poderia fazer uma daquelas para ela. Não pensei duas vezes, e disse que sim. relatei esse pedido ao professor, e ele propôs fazermos diferente. Poderíamos, em vez de presentear uma pessoa, realizar uma oficina aos interessados. Assim, todos teriam o seu mosaico, fruto de seu próprio esforço e dedicação. Essa oficina também serviria para que a turma do galpão pudesse ter contato com o trabalho que se iniciaria nos banheiros. Quem sabe, o pessoal se animasse a fazer mosaicos e participasse do processo de melhoria dos espaços do galpão.

Fiquei com a tarefa de ligar para Rafaela (coordenadora da associação), para falar-lhe sobre nossa proposta de oficina. Ela gostou da ideia e levou-a para a reunião dos trabalhadores da associação. O compromisso foi marcado para um sábado. Eu e o professor Francisco levaríamos o material para a oficina (cacos, cola, papel, lápis) e a lasanha para o almoço. Os trabalhadores do galpão deveriam apenas aparecer no dia combinado.

Compareceram cerca de dez pessoas das vinte e poucas que trabalham no galpão. Principalmente os mais novos, de idade entre 16 e 20 anos. Os trabalhadores fizeram seus mosaicos, uns com mais facilidade do que outros, mas todos muito empenhados. Tiravam dúvidas, pediam ajuda, todos se entretendo com o lado lúdico da atividade. Almoçamos e, à tarde, os mosaicos foram finalizados. Francisco levou uma câmera de filmagem e a deixou com os trabalhadores para que eles registrassem o momento da forma que os aprovesse. Foi uma farrá. Uns levaram suas pequenas placas de madeira com mosaico para casa, outros as deixaram por lá.

No início da reforma dos banheiros, alguns dos trabalhadores vinham participar da confecção dos mosaicos. Preparavam a massa conosco, quebravam azulejos e fixavam os cacos nas paredes e

pisos. A participação deles, no entanto, nunca foi intensiva nem maciça. Os trabalhadores ganham por hora/mesa de triagem. Ao fim da semana, quando os recursos da venda do material triado são partilhados, o que define o tamanho do salário que cada um conseguirá são as horas trabalhadas.

Mesmo que queiramos a participação do pessoal do galpão na confecção dos mosaicos, temos que fazer uma troca. E fizemos o seguinte acordo: algum de nós deveria ir à mesa de triagem para compensar a falta do trabalhador que foi para o mosaico. Assim, os interessados não tem o ônus de ver reduzida sua renda na partilha. Contudo, há ocasiões em que um dos mais novos é destacado para trabalhar conosco. E esses são sempre os que não ficam à mesa, mas que trabalham alimentando-as com as sacolas de lixo. Os estudantes nunca chegaram a atuar na mesa de triagem. Toda vez que esse revezamento era solicitado, o professor se apresentava e substituía o trabalhador. Muitas vezes, pude assisti-lo em meio a mesas, bombonas, sacolas de lixo e bags, num calor incrível, trabalhando com o pessoal.

Maria, bolsista de extensão como eu, por conta da relação com as unidades de triagem, passou a separar seu lixo. Certo dia, me contou que levou o lixo de sua casa para o Messias da Reciclagem. Com as sacolas à mão, entregou-as à Rafaela e disse: “Toma aqui o lixo lá de casa para vocês.”. Ao mesmo tempo em que entregava seu “lixo”, Rafaela falava: “Que bom, Maria, que você trouxe material pra nós!” Não lembro se foram exatamente essas as palavras, mas os termos “lixo” e “material” indubitavelmente foram usados. A colega de projeto de extensão me relatou ter ficado espantada com a diferença de definição sobre o mesmo objeto.

Nessa tarde, quando todos haviam finalizado suas tarefas, fiquei papeando com Dona Glória junto ao grande portão de ferro do galpão. Ela estava descontente com um fato: as mesas de triagem – onde o material é separado – foram retiradas do galpão e levadas para o pátio. A motivação desta alteração foi a seguinte: nos dias anteriores, os caminhões descarregaram o lixo em enormes montes por todo o terreno da associação. Havia pouco espaço para circulação entre a rua e o portão do galpão, apenas vales estreitos entre montanhas. Neste contexto, Rafaela imaginou que seria mais rápido e fácil acessar o material a ser triado se as mesas fossem colocadas do lado de fora. Assim, não se consumiria tempo em idas e vindas do pátio ao interior do galpão. A perspectiva era de que o trabalho continuasse do lado de fora pelos próximos dias.

À porta do galpão, Dona Glória se queixava dela. “Meu filho, não gosto dessas mesas terem saído do galpão. Daqui a pouco, chega o inverno, fica frio, começa a chover, e a gente está do lado de fora. Mas a Rafaela não quis conversa. Fez as mesas irem para fora. Quando ela bota uma coisa na cabeça, não há quem tire. Ela diz que as coisas devem ser decididas no coletivo, na assembleia, mas, no final, quem decide é ela”.

Como de costume, Tiago, Andréa, eu – os dois primeiros também estudantes – e Francisco (professor) fomos ao galpão da associação para dar continuidade à reforma nos banheiros. Gabriel, como tem feito nas últimas semanas, veio nos ajudar. Desde o início do ano, trabalhamos nos mosaicos dos boxes dos chuveiros, sanitários e num grande painel à entrada. Nessa tarde, ficamos divididos assim: dentro do banheiro, eu e Andréa, passando massa de rejunte; fora, Gabriel e o professor, completando o painel da parede externa. Tiago, que estuda Agronomia, foi cuidar dos canteiros e floreiras espalhadas pelo terreno.

Gabriel sempre está no galpão, mas não é reciclador. Não sei exatamente o que ele faz ali. Em meio ao trabalho, conversamos. Nessa conversa, Gabriel me relatou sua história. Foi seminarista. Ele e um pequeno grupo de candidatos a padre foram expulsos do seminário por suas posições ideológicas de esquerda e por sua militância relacionada à teologia da libertação. Sem terem aonde ir, mudaram-se para Porto Alegre. Escolheram uma favela para morar. Em parte, por falta

de dinheiro, mas principalmente por vontade imperiosa de militar junto à “base”, de experimentar a vida dos mais pobres para, a partir dali, realizar luta política comprometida com as transformações sociais. Nesse período, cursou Filosofia, mas nunca se formou.

Seu envolvimento com os galpões de triagem se relaciona com essa concepção de mundo e forma de atuar politicamente. Ele me relatou que mora num espaço de triagem de resíduos sólidos junto a catadores. Ocupa-se, lá, da triagem como eles e, ao vivenciar o dia a dia das associações, ajuda na organização do “coletivo”.

Gabriel trabalhou numa ONG que lida com formas de geração de renda e empreendedorismo das camadas mais pobres da população. Não ficou claro para mim a razão de sua saída desta ONG. Afinal, ele se manteve em atividade semelhante. Talvez haja algo que não deva ser revelado assim, numa primeira conversa.

Relatou também sua relação com Batista, o Velho, de quem já ouvi falar inúmeras vezes em outras associações da cidade. Foi ele quem organizou os catadores que ocuparam o terreno onde está o Messias da Reciclagem. Conseguiu ainda recursos para a construção de seu galpão. Essa é a prática de Batista: ocupar espaços da cidade, juntar o povo para laborar na triagem do lixo e, depois, inserir Gabriel em meio a eles para organizar o “coletivo”.

Gabriel marcou meu encontro com Batista, o Velho. Numa conversa no galpão de triagem, fiz-lhe o pedido. Era grande minha curiosidade em conversar com esse importante personagem. Na sexta-feira, fui ao local combinado. Esperei pouco tempo. Gabriel logo chegou. Fomos recebidos, à porta, pelo irmão de Batista. Ele nos pediu que esperássemos, pois o Velho estava descansando. Encaminhou-nos para uma saleta à frente da cozinha. Enquanto conversávamos, ele chegou caminhando com vagar. Apoiava-se em seu irmão. Devia ter uns 80 anos de idade. Rosto enrugado, orelhas grandes, cabeleira e bigode fartos e brancos. Levantei-me e, ao cumprimentá-lo, disse: “Como vai o senhor?” De pronto ele me repreendeu: “Senhor, não. Me chame por tu, você, mas senhor, nunca.” Cumprimentou Gabriel com um aperto de mão e puxou uma cadeira da cozinha para se sentar.

Gabriel me apresentou. Disse que me levou ao seu encontro a meu pedido e que reconhece em mim sensibilidade popular preciosa. Trocou mais duas ou três palavras com ele e se despediu. Ele já havia me alertado que não ficaria na conversa. Tinha outras tarefas a realizar. Nem a insistência do Velho o fez ficar. Ficamos, então, sozinhos. Revelei-lhe minha curiosidade em conhecê-lo. Comentei estar anotando memórias do trabalho de extensão. Perguntei-o se havia problema registrar a conversa. Ele disse que não, que sua vida era um livro aberto. Conversamos por duas horas. Durante toda a conversa, seu irmão só apareceu uma vez para procurar a lista telefônica.

A conversa foi caótica, sem uma linha de argumentação lógica. E por não conhecê-lo bem, resolvi não interromper seu relato. O Velho tem uma relação muito forte com a esquerda. Não foi exatamente um guerrilheiro, mas contribuiu com ações contra a ditadura militar. Misto de militante da esquerda e temente a Deus participou de algumas organizações jovens estudantis e operárias relacionadas à Igreja.

Tratou de muitas coisas descoordenadamente: da importância dos ideais de Paulo Freire, da pedagogia do oprimido, do método das palavras geradoras, da alfabetização baseada no cotidiano do povo. Foi incisivo ao afirmar que os oprimidos introjetam valores do opressor e que o método de Paulo Freire combate essa tendência. Citou muitos nomes de ativistas sociais e teóricos nacionais e estrangeiros, muitos deles vinculados às teorias marxistas, segundo ele.

Depois de sua prisão, pós-golpe de 1964, passou a viver em função da periferia e dos pobres. Na década de 1970, morou na periferia. Lá, organizou ocupações com a população que veio do interior para trabalhar como operário fabril e passou a morar precariamente em malocas e barracos. Todos esses movimentos têm vínculo com sua “luta pela moradia, saúde, educação, alimentação”. Além disso, trabalhou na organização de sindicatos, comunidades, associações de bairro e, finalmente, com a organização dos catadores e recicladores de Porto Alegre.

Perguntei-lhe sobre a experiência do Messias da Reciclagem. Ele foi breve. Relatou que, após as experiências com os outros espaços de triagem, resolveu organizar os carrinheiros – trabalhadores não organizados em associações e que catam lixo pela cidade autonomamente puxando carrinho. Fez um pacto com um deles para criar a associação Messias da Reciclagem. Este carrinheiro deveria arrumar outros vinte. Se tivesse êxito, o Velho conseguiria meios para esse grupo trabalhar. Foi assim que, segundo ele, foi criada a associação. Nesse ponto, a conversa foi interrompida. Batista tinha compromisso. Agradei a gentileza da recepção e parti.

Hoje, quando cheguei ao galpão do Messias, tive dupla surpresa. Uma foi ver a pequena construção logo ao lado da entrada com cobertura e portão construídos. A outra foi ver a quantidade de lixo espalhado pelo pátio da associação. Inúmeras vezes, discutimos a possibilidade de transferir o trabalho da triagem para um novo ambiente. Assim, o antigo espaço abria lugar para atividades alternativas de produção, geração de renda e formação profissional. Além disso, afastar a acumulação e triagem do lixo do espaço de reunião, socialização, da cozinha e refeitório já seria um importante avanço.

Nós, do projeto de extensão, propusemos o uso de uma estrutura de alvenarias não finalizada – localizada no pátio da associação, junto ao portão de entrada – como novo espaço de triagem. Projetamos para ela cobertura, portão, piso, etc. E a execução do projeto começava a ganhar forma. Apesar dos materiais simples – madeira ordinária, plásticos e lonas coloridas – a cobertura e o portão me encantaram. O espaço ficou mais animado, mais feliz. Entusiasmei-me ao ver o fruto de nossa imaginação se tornar objeto tangível. Havia ainda alguns problemas técnicos a resolver, frestas a fechar, problemas com a estabilidade dos painéis da cobertura, com as mãos-francesas que a sustentam. Mas nada que não pudesse ser resolvido.

Por outro lado, a situação do pátio da associação desanimava. Parece que ocorreu uma avalanche de sacos plásticos, garrafas, latas, pacotes e todo tipo de imundície da Capital lá para dentro. Havia lixo desde a entrada, próximo ao portão, até dentro do galpão, nos fundos. Pilhas e pilhas dele. Contrariamente a mim, os trabalhadores do galpão pareciam animados com a quantidade de material à espera de manipulação. Passaram por tempos difíceis recentemente, com pouco material a triar. Agora, as pilhas de lixo estimulavam o pessoal da associação.

Logo que cheguei, encontrei Rafaela. Elogiei o novo espaço de triagem que ia tomando forma. Prudentemente, não disse nada sobre o pátio. Ela concordou e também fez elogios. Mas, falando baixo, como que confidenciando informação indevida, disse que o Velho não gostou. Reclamou do estado do novo galpão – da cobertura, do portão, da nova estrutura. Para ele, estava tudo errado.

A lista de reclamações dele se estendeu, segundo a coordenadora da associação, ao pátio. Havia lixo demais espalhado. O material tomaria chuva, apodreceria ali, ao tempo. Sobre o ponto de vista dele, Rafaela sentenciou: “Mas se não tiver lixo não tem isso aqui”, disse apontando para o bolso. “Quanto mais lixo, mais dinheiro. E se faltar dinheiro, quem vai colocar? Ele não vai...”.

Por fim, não posso deixar de registrar: foi uma batalha convencermos Mateus, operário da obra do novo galpão, sobre a necessidade de colocar calha e ralos no novo espaço de triagem. Nós,

estudantes de Arquitetura, argumentávamos com ele para deixasse espaço para calhas e ralos no piso. Inamovível, refutava a necessidade do mecanismo de escoamento d'água. Um embate longo e cansativo foi necessário para fazê-lo aceitar o sistema de escoamento da água de lavagem do piso do novo espaço de trabalho. Mais cansado do que convencido, Mateus dobrou-se a nossa súplica pelo escoamento no galpão.

Fomos, Maria e eu, à reunião na sede da organização não governamental Pelo Empoderamento Popular (PEP). A PEP presta assessoria a movimentos sociais e populares, capacitando dirigentes e lideranças comunitárias. Trabalha, enfim, com educação e organização popular. A reunião foi marcada para tratarmos de um possível financiamento para a associação Messias da Reciclagem a partir da mediação da ONG. Estavam na pauta do encontro a definição das prioridades de uso desse dinheiro, a montagem do projeto que justifica sua vinda e a leitura do documento preenchido, que será enviado a essa instituição financiadora.

A necessidade de recurso para reparos no galpão da associação sempre foi premente. Entretanto, a iminência do funcionamento da oficina de papel reciclado no galpão da associação parece ter feito os ventos soprarem favoráveis ao Messias. A ideia da oficina de papel reciclado foi apresentada pela professora Madalena, de uma universidade privada de Porto Alegre. Interessada em oferecer novas oportunidades de renda através da atividade com o lixo, imaginou que esta seria uma boa alternativa. E ela se engajou dedicadamente para torná-la viável. A oficina estava começando a ser implantada na associação paulatinamente.

Logo no início da reunião, soubemos que Gabriel acabara de sair muito chateado. Parece que ninguém o avisou. Ele queria participar, mas tinha outro compromisso agendado. Cícero (educador popular da PEP) disse que Gabriel ficou "P" da vida, que saiu soltando fogo pelas ventas.

Começada a reunião, vi logo que Madalena tinha muito a falar. Tencionava a melhoria das condições de trabalho para implantação da oficina de papel reciclado. Pleiteava uma mesa de aço fixada no chão e projetada especialmente para isso. Queria condições para apoiar a prensa dos papéis reciclados molhados, dentre outras demandas. Rafaela, coordenadora da associação, retrucava, dizendo que o combinado era que a oficina de papel ocuparia metade do antigo galpão de triagem, e não todo espaço. No entanto, os varais de secagem dos papéis invadiram o espaço onde eram armazenados os fardos prensados à espera de comprador.

Prioridade, para ela, era resolver o problema do material que estava no pátio, exposto às intempéries, perdendo valor. Para ela, o novo galpão deveria ter uma gaiola que o armazenasse adequadamente. Eu e Maria só escutamos. Não participamos desse embate.

Cícero, representante da PEP, leu o documento com o pedido de financiamento. Propusemos pequenas alterações aqui e acolá, nada substancial. Após a leitura, passamos ao momento de definição das prioridades. A coordenadora da associação prontamente tomou a palavra. Informou que os trabalhadores se reuniram naquela manhã e já haviam decidido suas prioridades. Não havia mais o que debater.

Madalena, entusiasta da oficina de papel, argumentava sobre a necessidade da mesa de ferro, que poderia haver um acidente com a prensa, que era um equipamento que requereria cuidados. Rafaela não tomou conhecimento. Taxativa, afirmou: "Não há crianças no galpão. Basta orientar o povo sobre a importância do equipamento e não haverá problema".

Conversamos um pouco mais sobre perfumarias, e logo Madalena deixou a reunião dando qualquer desculpa. Imediatamente após sua saída, Rafaela se levantou, fechou a porta da sala da

reunião – que durante todo o tempo permanecera aberta – e explicou coisas que não foram expostas na reunião. Segundo ela, Madalena estava querendo se sobrepor às intenções e prioridades dos trabalhadores da associação. Além disso, estava querendo ocupar espaços não definidos em acordos anteriores – como o caso dos secadores de papéis reciclados no espaço das prensas. “Gabriel mesmo”, disse ela, “está achando que Madalena está ‘patrolando’ tudo, querendo impor coisas não combinadas”.

Terminamos a reunião debatendo quem definiria as prioridades da associação Messias da Reciclagem. Há, misturadas, vontades do grupo da Arquitetura, da turma do papel reciclado e também, principalmente, os desejos dos trabalhadores do galpão. Apagou-se a luz com o norte de que as prioridades seriam determinadas pelos trabalhadores. Eles indicariam o caminho a tomar. Eles é que importam, disse Rafaela. Nós só concordamos.

Como combinado no último encontro, na sede da PEP, fomos à primeira reunião entre apoiadores – universidades, ONGs, etc. – e liderança da associação. Ocorreria no galpão do Messias da Reciclagem. Nós, da Arquitetura, apresentaríamos o projeto da gaiola para receber o lixo.

Na chegada, vi, pela primeira vez, a oficina de papel reciclado funcionando. Os varais estavam cheios de papéis secando. Belíssimos, coloridos. Entre os que ali trabalhavam, vestidos de jaleco branco, não havia nenhum antigo trabalhador da triagem.

A reunião não começou de pronto. Tivemos que esperar. Estava em andamento outra, entre alguns trabalhadores da associação. Os demais estavam descansando, tomando café. Todos já haviam se reunido mais cedo. Ao término, quando abriram a porta do refeitório, pude ver Rafaela, Tio Joel, Laís e mais duas meninas novas, ou seja, a administração do galpão. Nas palavras da coordenadora da associação, “grupo montado para que a administração do galpão não dependa só de mim”. Entramos no refeitório, sentamos em roda e demos início à conversa.

Madalena não participou. Foi convidada, chegou a entrar na sala, mas logo saiu alegando ter compromisso. Disse que não precisava estar presente já que havia muita gente na reunião. Participaram, então, Maria e eu (grupo da Arquitetura), Laís e Rafaela (do galpão), Cícero (PEP) e Gabriel (que organiza o “coletivo”).

Tratamos da busca de recursos para as melhorias no galpão do Messias. Rafaela, muito animada, repassou o texto do projeto de financiamento. Nesse momento, o semblante de Gabriel murchou, seu olhar se perdeu, distante. Achei que ele não estava gostando muito do que ouvia, mas talvez essa fosse sua forma de ficar atento ao que estava sendo dito. Cícero interveio numa ou outra palavra, nada de relevante. O texto estava ótimo, não havia o que mexer.

Chegou nossa vez de apresentar as intenções do grupo de extensão. Abrimos os desenhos, defendemos as soluções do projeto, ouvimos ponderações e sugestões. Ao fim, a proposta da gaiola e das futuras etapas de melhoria do espaço de trabalho foram bem recebidas. Mostramos também o orçamento. Só os materiais já consumiriam todo valor que será buscado. Não cobriria nem a mão de obra. Ficamos com a responsabilidade de revê-lo.

Finda a questão dos recursos passamos a tratar da dinâmica de interação entre colaboradores e trabalhadores da associação. Gabriel sugeriu o assunto. Ele crê que há descompasso entre a vida no galpão e as distintas formas de atuar dos parceiros. Relatou que jamais trabalhou em cooperação com tantos parceiros, com a perspectiva de financiamento. “O Velho Batista tinha contatos, se articulava com conhecidos do país ou da Europa, e mandava vir o dinheiro”, disse. Hoje, a situação é diferente. A nova condição tornava necessária revisão de posturas e práticas.

Gabriel elogiou a iniciativa das reuniões periódicas às segundas-feiras. Será ótima a rotina de diálogo. Assim, poderemos entrar em acordo sobre ações, mediar interesses e prioridades.

Era necessário, porém, resolver o desacordo sobre a implantação da oficina de papel reciclado. Não sabia, mas havia concordância de que a oficina acolheria os mais jovens e os filhos dos trabalhadores do galpão. Contudo, quando ela ficou pronta, Madalena resolveu modificar seu público. Passou a demandar que a fabricação de papel reciclado fosse realizada pelos próprios trabalhadores da associação, retirando-os da triagem. Assim, compulsoriamente, eles passaram a oscilar entre as mesas de triagem e a oficina de papel, o que os atrapalha duplamente. Por um lado, não conseguem se concentrar nas mesas de triagem; por outro, não têm sequência de trabalho na oficina que os capacite plenamente para a atividade.

Os mais antigos da associação resolveram se recusar à “convocação”. Gabriel, por sua vez, disse achar “um absurdo colocar Tio Joel naquele trabalho. Ele não quer. Não se adapta”. Os trabalhadores não vislumbram futuro na oficina. Sabem que a renda do trabalho com o papel reciclado não virá imediatamente. Sua técnica de fabricação não é fácil. Seria necessário certo tempo de aprendizado para que o produto final tivesse bom nível de acabamento. Além disso, quem compraria essa produção? Que lojas ou locais de venda? Nesta reunião, Gabriel e Rafaela eram os porta-vozes do descontentamento geral dos trabalhadores da associação.

Após muita conversa, foi marcada reunião para a próxima segunda-feira. A pauta proposta tratará da relação trabalho da oficina de papel versus trabalho nas mesas de triagem. Ao sair da sala de reuniões, me surpreendi ao ver Madalena ainda dentro do galpão, ajudando no trabalho da oficina de papel. Ela não havia saído com urgência por conta de um compromisso?

Marcamos mais uma ida ao Messias para continuarmos o trabalho nos banheiros. Já terminamos os boxes dos chuveiros. Há ainda os boxes dos vasos sanitários e dos lavatórios. Esses ficaram para depois, pois era preciso conseguir novos vasos sanitários, retirar os antigos. As sucessivas reuniões e as responsabilidades assumidas noutras frentes não nos deixaram trabalhar com a dedicação necessária.

Ali, no galpão da associação, a vida corria com a velocidade de sempre. Frentes de trabalho dispersas, o caminhão da Companhia Pública de Lixo Urbano descarregando montanhas de material pelo pátio. Só que, desta vez, algo estava sutilmente diferente. Os trabalhadores, que sempre nos recebiam com cumprimentos entusiasmados, desviavam-se. Os cumprimentos chegaram fora do tempo corriqueiro. Alguns olhares não nos encontraram. Talvez fosse a tensão do dia da partilha. Talvez faça muito tempo desde nossa última visita.

Após breves palavras com os que encontramos pelo caminho, nos dirigimos ao nosso posto de trabalho, os banheiros. Estávamos separando peças cerâmicas, planejando o trabalho, quando, de longe, vimos Rafaela chegando. É sempre entusiasmante sua presença, sua natural alegria. Concentrado, não percebi seu semblante. Maria teve a sensibilidade de ver que algo a abatia. E perguntou de pronto: “que cara de enterro é essa?” Ela não fez rodeios. “É cara de despedida. Estou indo embora”, respondeu. Imediatamente, um raio caiu sobre nossas cabeças. Sem que pudessemos reagir, ela completou: “Vou antes que me despeçam”. E chorou.

Permanecemos em silêncio absoluto, enquanto seus olhos se inundavam. Sob nossos olhares estupefatos, contou o ocorrido. Na terça-feira, um dia depois da reunião na PEP para tratar da permanência da oficina de papel reciclado na associação Messias da Reciclagem, foi marcado encontro entre os coordenadores do galpão, incluindo Rafaela e Gabriel. Nessa reunião, ele dirigiu a ela acusações graves. “Ele podia ter dito que eu desviava dinheiro do galpão que não ia me

magoar tanto”, desabafou. Fez críticas severas ao esquema de trabalho do Messias, esse sim, em seu entender, o grande responsável pela baixa produtividade e, conseqüentemente, pela baixa renda dos trabalhadores.

Gabriel acusou-a de ditadora, despótica e centralizadora ao extremo. Responsabilizou-a por não surgirem novas lideranças na associação, de não haver espaço para a formação de pessoas capazes de se responsabilizarem pela sua administração. Disse também que só ela participa do que há de bom em relação aos contatos externos – viagens, encontros, seminários. Gabriel estava decidido. Dali em diante, assumiria a coordenação do grupo. Uns seriam dispensados, outros remanejados para a oficina de papel reciclado. Quem daria as ordens – ou voltaria a fazê-lo – era ele a partir daquele instante.

A situação ficou insustentável para Rafaela. Vendo-a chorar, não agüentei. Dei um pulo, me abracei nela e também chorei. Eu estava ainda mais atordoado por não entender como Gabriel fora capaz de fazer uma coisa daquelas. Era um papel que não cabia no Gabriel que eu conhecia. Tantas vezes vi ele e Rafaela como unha e carne.

Rafaela ficou ali, em nossa frente, protestando por algum tempo. Não sabíamos como consolá-la. Entre engasgos de choro, contou-nos que Batista, anos atrás, buscou-a em seu casebre para ensiná-la sobre o “coletivo” e as decisões em conjunto. Buscava-a para ser uma liderança e uma referência importante àqueles trabalhadores. E agora, era “desbancada” autoritariamente. Relatou-nos ainda ter aprendido a importância do trabalho em grupo. Todavia, segundo ela, não havia “coletivo” na associação. O galpão tinha dois donos: Gabriel e, através dele, o Velho Batista. Isso ficava claro para ela agora. Quem não se enquadrava nas expectativas deles era descartado.

Rafaela contou ainda que o Velho administra a conta bancária da associação. Logo, quando os trabalhadores não têm dinheiro vivo, sempre dependem dele para utilizar recursos de repasses de órgãos públicos ou doações. E sua preocupação, no momento, era com as contas de água e luz, prestes a vencer. Era necessário também fazer manutenção em equipamentos. E, segundo ela, Batista sempre dificultava a transferência do dinheiro.

Dissemos algumas palavras confortadoras. Vãs palavras. O que dizer? Rafaela refutava qualquer argumento. Despediu-se dizendo que tinha que entrar. Dirigiu-se ao antigo galpão, onde está a oficina de papel reciclado. Olhamo-nos, sem saber o que fazer. Sentamo-nos defronte ao banheiro, fitando o horizonte sem ver nada. Todos em silêncio.

Andréa foi a primeira a se levantar. Nem a vi se distanciar. Pegou a espátula que usamos para retirar o excesso de massa que fica entre os cacos de azulejos e iniciou seu trabalho, lentamente. Só a percebi nessa tarefa quando fez um comentário sobre a necessidade de rejuntarmos o mosaico com massa colorida. Ela tinha razão: massa colorida traria uma beleza especial para aquele painel. Com a cabeça noutra dimensão, me levantei maquinalmente para dar continuidade ao que iniciamos minutos antes da chegada de Rafaela. Tomei a pá de pedreiro, a argamassa colante, a água, o balde e passei a fazer a mistura. Era preciso continuar. Vagarosamente, retomamos a tarefa. Pouco animados, é verdade.

Responsáveis pelo projeto da gaiola de acumulação do material à espera de triagem, Maria e eu resolvemos consultar o professor de estruturas da Faculdade de Arquitetura, um engenheiro sempre muito atencioso com os estudantes. Além disso, tem experiência em projetos de extensão relacionados à tecnologia de habitação de interesse social. Era a pessoa ideal para nos ajudar.

Apresentamos o projeto da gaiola – estrutura de madeira – e as hipóteses de dimensão das peças. A conversa foi rápida. Logo, ele nos apontou as melhores possibilidades de desenho para a construção, as cargas estimadas, as bitolas comercialmente disponíveis e que deveriam ser adotadas. Mas, no fim da conversa, nos colocou em um grande dilema. Ele achou a construção muito precária. E propôs fazermos um protótipo de estrutura em aço. Um modelo de excelência. Para ele, nós, da universidade, temos a missão de fazer o melhor e definitivo projeto para gaiolas de galpões de triagem. E mesmo que não fosse possível construir tudo, que projetássemos e construíssemos uma parte.

O recurso disponível para a construção é restrito. A expectativa por uma rápida solução à gaiola, enorme. Será possível conciliar modelo de excelência e resposta às circunstâncias? Saímos da conversa com um nó na cabeça.

Posteriormente, apresentamos o embaraço para Francisco, o professor líder da ação de extensão, que foi taxativo. Precisamos resolver imediatamente, com três mil reais, um problema concreto demandado pela associação. Qualquer outra coisa seria delírio. Postergar a obra manteria o lixo à espera de triagem pelo chão, perdendo valor e dificultando o trabalho. Além disso, não dispomos de laboratório, recursos e tempo para especulação. Assim, tudo se resolveu.

Estava em casa ocupado com trabalhos urgentes da faculdade quando o telefone tocou. Era Tomé com notícias da visita ao Messias da Reciclagem, ocorrida pela manhã, com Francisco e a disciplina de Projeto Arquitetônico IV – cujo tema era vinculado a nosso projeto de extensão. Deixaríamos o trabalho junto àquela associação, me informou. Haveria um encontro dali a algumas horas para tratar do assunto.

Pelo que soube, naquela manhã, o professor conversou com Gabriel. O educador popular trouxe a notícia de que Velho exigia que as decisões relacionadas ao trabalho de melhorias físicas e às construções no galpão passassem pela tutela de um engenheiro de sua confiança. De agora em diante, todas as decisões deveriam passar pelo crivo do tal engenheiro designado por Batista e, conseqüentemente, por sua censura.

Talvez tenha sido a maneira encontrada por Gabriel para não descontentar o Velho que, sabidamente, não via com bons olhos nossa atuação na associação. Quantas vezes ele criticou nossas realizações – a transferência do espaço de trabalho, a gaiola, o puxado para armazenar os fardos, os banheiros. E havia mais. Gabriel deveria informá-lo sobre toda decisão relativa ao uso do dinheiro encaminhado pelos parceiros do galpão – ONGs, financiadores, prefeitura. Ele não aceitava mais que a definição do destino do dinheiro não passasse por sua análise e tutela.

O professor me contou que, quando recebeu essa notícia, disse ao educador popular, calmamente: “Não vamos ficar onde não somos bem vindos.” Foi a gota d’água. Nós, estudantes, o apoiamos.

...

O encontro de hoje no Messias da Reciclagem foi marcado com a coordenação da associação. Nos despediríamos e apresentaríamos os motivos de tal atitude. Para nós, a melhor maneira de desfazer essa relação seria colocando nossas motivações com coragem e clareza absoluta, sem esconder um pingo do assunto que fosse, falando tudo, mesmo o que fosse difícil.

Quando chegamos, o ambiente de trabalho da associação era o mesmo de sempre. Sacolas espalhadas pelo chão próximo à gaiola já lotada de material à espera de separação, salpico de

pequenos fragmentos de desperdício colorindo o pátio. Focados, fomos o mais rápido possível ao interior do antigo galpão para encontrar a coordenação. Na passagem, cruzamos por Rafaela, exilada na solidão daquele enorme ambiente da fábrica de papel reciclado e envolta pela mudez metálica dos equipamentos e armários necessários a esse trabalho.

Jonas, Jeremias, Daniela e Anunciada, da nova coordenação da associação, já nos aguardavam na saleta do segundo andar. De tão nervoso, entrei na sala tropeçando nas cadeiras e nas pessoas. De imediato, eles nos perguntaram sobre o professor. Dissemos que ele não viria. Trataríamos do assunto nós mesmos.

Iniciei o assunto. Disse que eles já deviam imaginar o motivo daquele encontro. Estávamos deixando a parceria de trabalho junto à associação. Expliquei que Batista exigia que, a partir de agora, todas as intervenções no espaço do galpão passassem pelo crivo do engenheiro de sua confiança. Desta forma, se o Velho achava mesmo que o trabalho do engenheiro poderia ser mais útil à associação que o nosso, preferíamos deixar a parceria, esperando sinceramente que as coisas melhorassem. Agradei a simpatia e generosidade que eles sempre tiveram conosco, a maneira agradável que sempre nos receberam, ouviram e respeitaram. Pedi desculpas por qualquer coisa. Tentamos contribuir com o nosso melhor, reconhecendo erros e omissões. Procurei fazer um discurso conciliador e amistoso, sem falar mal de ninguém e assumindo nossa responsabilidade sobre aquela decisão. Foi o melhor que pude fazer.

Jeremias pediu a palavra. Entrou na conversa dizendo que não era aquilo que ele ficou sabendo. Ouviu que o Velho chamou o engenheiro para avaliar se a parede da cozinha poderia ser derrubada. Além disso, orientou Gabriel a intermediar um encontro entre nós e o engenheiro para que pudéssemos trabalhar juntos.

Maria interveio ampliando o assunto para além do caso em particular, dizendo que essa chegada do engenheiro era a gota d'água. Havia muito tempo tínhamos problemas com ele. Batista está sempre descontente com nosso trabalho, fazendo comentários desaprovadores de nossas intervenções. Ele nunca esteve disposto a dialogar conosco sobre as melhorias do espaço físico. Parecia-nos que, com essa última atitude – de trazer o engenheiro –, ele pretendia nos manter sob sua tutela. Como se ele estivesse perdendo o controle do andamento das decisões relativas à associação, sempre debatidas entre nós e a coordenação, sem a sua presença. Maria disse que o engenheiro não estava ali para ser mais um profissional somado à equipe de trabalho. Seria uma estratégia dele para nos controlar. Isso, não admitiríamos.

Ficamos muito surpresos com o que eles nos responderam. Declararam com firmeza que o Velho não tinha que “meter o bedelho” em nossa relação com a associação. Tampouco em relação às melhorias que realizamos no galpão. Quem mandava ali era a coordenação. E ela deveria ser respeitada. Aliás, completaram, Batista nunca aparece, não ajuda em nada e não sabe o que acontece ali. E o engenheiro jamais apareceu.

Jeremias, o mais incisivo, manifestou vontade de enfrenta-lo. Disse que o Velho pouco aparecia por ali, que o engenheiro dele não saberia o que fazer lá. Que juntos, os trabalhadores tinham força e precisavam entender isso. Que Batista não poderia intervir daquele jeito. Espantados com a firmeza de Jeremias, tentamos acalmá-lo. Dissemos a ele e aos demais que pensassem em seus salários ou em sua permanência na associação. Batista poderia dar um jeito de expulsá-los dali. Receosos, preferíamos sair a forçar um conflito. Essa era uma decisão que, se eles tomassem, deveriam fazer por suas consciências e não influenciados por nossa atitude. Por fim, colocamos a eles que o convívio que mantivemos nestes tempos foi sempre muito enriquecedor. Mesmo assim,

era necessário partir. Esperávamos realmente que a vinda do engenheiro trouxesse melhorias. E que sentiremos falta não só do trabalho, mas deles mesmos.

Quando deixamos a reunião, já era hora do café. Tio Joel foi ao nosso encontro. Debruçamo-nos à mesa de ferro da oficina de papel e ele, triste, veio nos cumprimentar. “Como vão as coisas?”, nos perguntou. Não sabíamos muito bem o que dizer. Ele foi direto ao ponto. “Vocês vão nos deixar?” Durante alguns segundos, tentamos enrolar um pouco. Ele, emocionado, nos disse: “Olhem nos meus olhos. Acho que mereço a sinceridade de vocês. Digam, vocês vão nos deixar?” Não tivemos como esconder. “Vamos sim, Tio Joel, infelizmente”, dissemos quase juntos, os três. Ele pôs as mãos no rosto, virou de costas dizendo que estava emocionado, e fugiu em direção ao banheiro para chorar longe de nós. Fiquei abalado, não consegui me aprumar. Maria correu atrás dele, entrando também no banheiro. Trouxe-o dizendo que o problema não era e nunca foi com eles. O problema era o Velho. A coordenação os explicaria tudo melhor.

Fomos nos despedir de todos, um por um, pessoalmente. Recebemos beijos e abraços calorosos. Próximo ao banheiro dos fundos, quatro trabalhadoras descansavam, destacadas do restante do grupo que estava na cozinha ou no refeitório tomando café. As Irmãs Baruque choraram muito com a despedida. Uma terceira trabalhadora também chorou copiosamente quando a abraçamos. Saímos de lá atordoados, sem conseguir medir o tamanho da repercussão de nosso trabalho, seja do ponto de vista das melhorias físicas ou das relações afetivas.

Dias depois, fiquei sabendo que a professora Madalena, da oficina de papel reciclado, também abandonou a associação. Rafaela e seu companheiro de trabalho se afastaram espontaneamente da oficina e da associação. Enfim, sem trabalhadores e sem ânimo para continuar batalhando pelo seu ideal, Madalena resolveu retirar os equipamentos da oficina de papel do galpão.

FRACASSOS: O MESSIAS DA RECICLAGEM, HOJE

De início, uma curiosidade precisa ser desfeita. Afinal, como está o galpão da associação hoje, em 2016? Eventualmente, passo à frente dele e o espio de longe. Não tenho coragem de me aproximar. Vejo muitos trabalhadores envolvidos na triagem e não os reconheço. Hoje, o galpão se encontra exatamente como o encontramos nos primeiros contatos. A edificação de fora, galpão que acolheu o novo espaço de trabalho – com nova cobertura, gaiola, piso, portão – foi demolida. Os banheiros, recobertos por mosaicos, também.

O trabalho voltou ao antigo galpão. A deposição e armazenagem do material à espera de triagem são feitas como antes: no chão em um canto. A montanha de lixo extravasa a porta principal da edificação e se espalha pelo pátio. Os trabalhadores continuam indo e vindo para alimentar as mesas de triagem. A sequência produtiva voltou a ser truncada.

Das quatro propostas do projeto de extensão – melhorias nos banheiros e cozinha; instalação da oficina de fabricação de papel reciclado; adequação de salas de aula para futuros projetos de ensino em geral; transferência de local de trabalho e alteração da dinâmica produtiva – nenhuma perdurou. Ou melhor, de apenas uma delas é possível ter dúvidas sobre sua execução, já que não tenho conhecimento de que cursos de capacitação ou qualificação profissional foram ministrados no espaço da associação.

Enfim, todo o trabalho desenvolvido durante o período do projeto de extensão se perdeu. No que tange a sua dimensão física, a pretensão de deixar um legado fracassou. Outro fracasso foi a implantação da fábrica de papel reciclado, que jamais foi acolhida pelos trabalhadores. A intenção de oferecer uma alternativa de trabalho para além do lixo esbarrou numa necessária pergunta que

deveria ter sido dirigida aos trabalhadores da associação, mas não foi: vocês querem trabalhar com papel reciclado, ou preferem se manter no trabalho da triagem?

REFLEXÕES SOBRE A EXTENSÃO (E SOBRE A UNIVERSIDADE A PARTIR DA EXTENSÃO)

Ao longo do tempo, no Brasil, a extensão universitária foi compreendida (e praticada) por vieses diversos: como oferta de cursos de aperfeiçoamento para ilustrar a população e disseminar o saber produzido na academia; como prestação de serviços à comunidade, substituindo, em alguma medida, funções do Estado; como venda de cursos e serviços, fonte de arrecadação sobretudo para as universidades privadas (NOGUEIRA, 2001; TAVARES, 2001; JEZINE, 2001). Essas expressões da extensão estão relacionadas às várias posições sobre que tipo de papel as universidades deveriam adotar para contribuir com a sociedade brasileira.

Definições à parte, a comunidade acadêmica não entende a extensão como essencial em sua rotina. É, isso sim, atividade eventual, acessória. Poucos se dedicam verdadeiramente a ela. Desprestigiada, “nunca apareceu na trilogia [Ensino, Pesquisa e Extensão] em pé de igualdade. De longe, Ensino e Pesquisa posicionam-se à frente” (DEMO, 2001: 152).

Aponta Pedro Demo que, nas últimas décadas do século XX, a extensão universitária “começou a ser uma crítica à instituição fechada em seus próprios limites, atividades, critérios e referenciais. A extensão começou a configurar-se como um tipo de atividade da universidade para compensar pesquisa e ensino alienados da realidade social” (DEMO, 2001: 161).

Na experiência de extensão Reabilitação do galpão Messias da Reciclagem, o contato com a associação e seus trabalhadores forçou a diluição das fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. A pesquisa e a extensão mantiveram relação estreita, se alimentando mutuamente. Além disso, a experiência de extensão participou das disciplinas da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, trazendo a realidade dos galpões à sala de aula e levando os estudantes aos galpões.

Por fim, a experiência nos colocou também a necessidade de (re)pensar a universidade. Gabriel, educador popular que trabalhava junto à associação Messias da Reciclagem, constantemente nos instava a refletir sobre isso. Não há resposta única. Para refletir sobre isso, parto de um pressuposto banal, talvez ingênuo. Creio que a universidade – dentro de seu campo de ação e para além da manutenção de uma “atmosfera de saber”, de difusão do conhecimento e da formação de práticos (TEIXEIRA, 1998) – deve contribuir com o cumprimento dos objetivos fundamentais da República gravados no art. 3º da Constituição Federal de 1988. São eles, dentre outros, construir uma sociedade livre, justa e solidária, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais.

Isso não quer dizer que a universidade deva ser instituição de amparo. Muito menos que a extensão universitária, neste contexto, deva ser atividade filantrópica, espécie de socorro universitário, maneira da universidade “pagar os seus pecados” através de atividades generosas. A postura da universidade na sociedade brasileira deve ir muito além. E vai além quando se alinha aos objetivos que a própria sociedade se impõe.

As universidades não podem ser confundidas, como eventualmente são, com fábricas produtoras de diplomas, forja de indivíduos disciplinados e trabalhadores que atendem às imposições da economia. Como Pedro Demo indica, “uma coisa é preparar o aluno para poder ocupar um emprego, outra é prepará-lo para criar trabalho com autonomia” (DEMO, 2001: 149). Para este autor, a universidade não deve formar apenas como reação às demandas do mercado.

Há uma lúcida analogia de Rubem Alves, tomada emprestada de C. Wright Mills, que estimula atitude de permanente autovigilância sobre o sentido da vida universitária. Nessa analogia, os cientistas – em nosso caso, a comunidade acadêmica – são comparados a remadores. No porão de uma galera – antigo navio – remam com força e entusiasmo. Suados, extenuados, se congratulam pela velocidade que conseguem imprimir ao barco. Só há um problema: ninguém sabe para onde o barco vai.

A universidade deve formar bons remadores, criar programas de treinamento que os capacitem a serem mais fortes, técnicos e eficientes. Mas só isso não basta. Jamais se pode prescindir de colocar a cabeça por sobre o convés, mirar a proa e enxergar para onde o barco vai. Isto é agir com autonomia. Afinal, para que serve a universidade? Para reproduzir uma elite? Para que seus egressos ostentem “anel de doutor”? Para atender às demandas episódicas do mercado, e só a ela, mesmo expondo as pessoas à frustração e infelicidade?

A noção de “eficiência” da universidade em seu papel formador deve ser posta em questão. “Eficiente para que(m)?”, se deve perguntar sempre. Como aponta Rubem Alves, “não critico a máquina educacional por sua ineficiência. Critico a máquina educacional por aquilo que ela pretende produzir, por aquilo em que ela deseja transformar nossos jovens. É precisamente quando a máquina é mais eficiente que a deformação que ela produz aparece de forma mais acabada” (ALVES, 2012: 23). É preciso formar pessoas que saibam crítica e criativamente fazer escolhas e usar seu saber para construir um novo mundo. Ou, no mínimo, que contribuam no esforço de alcançar os objetivos da república. Nisso, o contato com a realidade social que a extensão universitária oportuniza pode contribuir.

Outro tema importante a refletir é sobre a legitimidade do saber técnico e a autonomia para decidir, que atravessam as experiências de extensão universitária. Quando um especialista em qualquer “ciência” se pronuncia, o que as pessoas imaginam? Lá vem uma opinião correta! Tem-se certeza de que não só ele sabe do que está falando, como também que suas palavras são a expressão da verdade. Os próprios técnicos-especialistas acreditam nisso. Creem que devem ser ouvidos e, ao sentenciar propostas, obedecidos, pois sabem o que dizem (ALVES, 2013).

Mas o que isso tem a ver com a extensão universitária? Segundo Roberto Rocha, para alguns, “a extensão teria um caráter domesticador, persuasivo, representaria um momento de encontro entre pessoas que julgam saber muito, serem donos do conhecimento – no caso, os extensionistas – com pessoas que julgam que nada sabem, ou seja, as populações com quem trabalha” (ROCHA, 2001: 22). Abandonar a “autoridade” dada pela técnica-ciência talvez seja a atitude mais difícil a ser tomada por grupos de projetos de extensão. Afinal, nem todos querem abrir mão de algum poder para ter que compartilhá-lo com aqueles que não investiram tempo e esforço nas salas de aula das universidades (BOURDIEU, 2004; 2012).

Para que isso aconteça, é preciso, como aponta Paulo Freire, respeitar os saberes socialmente construídos na vida comunitária. Mais do que isso, se deve estabelecer uma “intimidade” entre eles, e não uma hierarquia (FREIRE, 1996). Essa é uma forma de reconhecer a relevância do saber popular e de não subjogá-lo. É ainda Paulo Freire quem afirma que:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é solidário e democrático, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta pacientemente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele (FREIRE, 1996: 113).

Frequentemente nós, extensionistas e parceiros, adotamos a postura de falar “de cima para baixo”, de falar a eles, e não com eles. Paulatinamente, ao longo da ação de extensão Messias da Reciclagem, percebemos que fazer extensão é se abrir ao diálogo e entender que o saber da universidade não é superior ao de ninguém. É apenas diferente. Deveríamos fazer os conhecimentos colaborarem mutuamente. Compreendemos, por fim, uma obviedade: que os trabalhadores da associação são os protagonistas de suas decisões. Mas foi um aprendizado adquirido penosamente ao longo do processo.

Hoje, percebo que parceiros e trabalhadores da associação não compartilhavam sonhos. E que poucas vezes perguntamos o que eles, de fato, queriam. Assim, foram impostas: a adesão ao ideário coletivista, a transferência do trabalho de triagem para o galpão novo, a oficina de papel reciclado, o fim do “elitismo” da coordenação insubmissa. Tudo isso acreditando que era o melhor para eles. Mas será mesmo?

Era como se os trabalhadores devessem estar prontos a receber a tábua de salvação que os oferecíamos. Ou que fossem incapazes de tomar decisões. Nós, das universidades, das ONGs e os ideólogos organizadores do “coletivo” agíamos como enviados divinos que salvariam o grupo de trabalhadores. Uma atitude messiânica de parte dos envolvidos.

Enfim, a realidade é sempre muito mais complexa quando a olhamos de perto. E, para além de apontar preconceitos, erros e acertos de cada personagem junto à Associação Messias da Reciclagem, devemos aprender com a experiência. E que esta, como outras, contribua com o debate sobre a extensão e, quem sabe, com parcela da comunidade acadêmica que está ou estará envolvida com projetos dessa natureza. Não é fácil, mas, para que a universidade cumpra plenamente sua tarefa na sociedade, é absolutamente necessário que haja pessoas engajadas com a extensão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. A alegria de ensinar. 14ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 26 nov 2016.

DEMO, Pedro. Lugar da Extensão. In Construção conceitual da extensão universitária na América Latina. (org.) Dóris Santos de Faria. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (1987). I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Brasília, UNB. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>>. Acessado em: 26 nov 2016.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JEZINE, Edineide Mesquita. *Multidiversidade e Extensão Universitária*. In *Construção conceitual da extensão universitária na América Latina*. (org.) Dóris Santos de Faria. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. *Extensão Universitária no Brasil: uma Revisão Conceitual*. In *Construção conceitual da extensão universitária na América Latina*. (org.) Dóris Santos de Faria. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. *A Construção do Conceito de Extensão Universitária na América Latina*. In *Construção conceitual da extensão universitária na América Latina*. (org.) Dóris Santos de Faria. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- TAVARES, Maria das Graças Medeiros. *Os Múltiplos Conceitos de Extensão*. In *Construção conceitual da extensão universitária na América Latina*. (org.) Dóris Santos de Faria. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- TEIXEIRA, Anísio. *A Universidade de ontem e de hoje*. (org) Clarisse Nunes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.